2.ª SERIE. TOMO III.

# REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 41. QUINTA FEIRA, 10 DE JULHO DE 1851. 10.º ANNO.

## SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

### EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

XIV.

465 Londres, 14 de Junho de 1851.— Depois do brilhante effeito da exposição lugdunense, não ha outro que se compare ao das fabricas de Mulhouse, que tambem tiveram o bom juiso de comparecer em nome collectivo, e que excitaram a admiração universal. Não foi pela riqueza da materia que estes expositores brilharam, mas pela elegancia dos desenhos e sobre tudo pela sua esplendida execução. Cassas, fazendas estampadas para vestidos, chitas para cortinas e outros trastes, eis a base geral da exposição alsaciana; mas, com esta simples base, achou meio de eclipsar todas as fabricas rivaes, e já não teme concorrencia alguma.

Julgo não commetter injustiça contra quem quer que seja, affirmando que os industriaes da Alsacia são os primeiros fabricantes de França, quer pela importancia de seus proprios capitaes, quer pelos dos banqueiros que se lhes associam. Todos tomaram a peito o fabrico, e não o cultivam como outros muitos, para juntar algum peculio e retirarem-se depois á ociosidade. Vivem na industria e nella morrem: as fabricas passam de paes a filhos, de continuo aperfeiçoadas pela intelligencia das gerações successivas. Em Mulhouse estuda-se, não se vegeta na rotina: ha sociedades industriaes e scientificas que intentam resolver os problemas economicos do trabalho fabril, e em geral caminham para isso pelos meios mais liberaes.

Devia, pois, a industria alsaciense brilhar no concurso de Londres; e cumpre confessar que fez melhor figura do que a de Turcoing, de Lille e de Rubaix, cujos fabricantes parece terem vindo constrangidos, posto que os representassem nomes assás honrosos. A Alsacia é um paiz manufactor modello; fabricação de maquinas, fiação, tecelagem, estamparias, tudo alli está reunido: é a terra dos maquinistas, dos desenhadores, dos chimicos: todas as capacidades especiaes prestam-se mutuo apoio, de que tem resultado uma aggregação de forças que reverte em proveito de todo o fabrico, e que atrahe de preferencia em todas as occasiões a attenção do mundo industrial.

Deve-se á Alsacia o immenso desenvolvimento que a industria das chitas ha tomado na Europa, de 25 annos a esta parte: ella é que tem propagado os melhores methodos de fabrico e os aperfeiçoa sem cessar. Em nenhuma parte se preparam melhor as materias de tinturaria; o lirio, a ruiva, a cochonilha, a urzella, em nenhuma parte se applicam com maior lustre e solidez. A Alsacia é uma grande eschóla de estamparias onde vem formar-se os mestres e contramestres do fabrico geral. Graças a ella, a Europa tomou gosto por esses tecidos engraçados e leves que adornam hoje com tão pouca despeza as habitações, e vestem tão economicamente as mulheres.

Esperava-se, pois, com impaciente curiosidade, a exposição destes mestres da arte: foi digna delles a todos os respeitos, e os seus productos vieram ser os typos com que se comparam todos os productos analogos, para se classificarem convenientemente. Será bom dizer, que todos os estampadores da Europa são accordes em reconhecer que Mulhouse vence a todos neste

ramo, como Lyão no das sedas. É mais provar esta superioridade do que definil-a. Os inglezes são grandes productores de chitas; os belgas, os austriacos, os prussianos, os saxonios, os hispanhoes, até os turcos, egualmente produzem bastantes. Porém, á excepção de dois ou tres fabricantes de Manchester, todos esses industriaes pertencem mais á eschóla de Ruão, que á de Mulhouse. As teias de algodão em que estampam, são muito ordinarias e não podem luctar com as nossas.

Pela immensidade do negocio e pela economia nas miudezas é que os inglezes se distinguem de todas as outras nações, dadas como elles á industria das chitas: a sua grande vantagem consiste em operar sobre massas enormes de fazendas, e em não desprezar um só atomo de materia. É para vêr a sollicitude com que elles procuram a economia de um real, ou no preço do producto chimico, ou do numero de fio, ou da materia corante, ou do transporte; e a arte com que transformam essa economia em lucros, por milhões, multiplicando a extracção por meio da procura, e a procura por meio da barateza. Esta arte é levada em Inglaterra até ás miudezas mais microscopicas, e ahi se vê formarem-se, gota a gota, verdadeiros oceanos de riqueza, quando com os olhos da analyse se acompanham as transformações successivas do capital consumido e reproduzido. Por isso todas as suas officinas tem um caracter severo, e até mesmo um tanto triste, de grandeza e simplicidade. Nem ornamentos, nem columnadas, nem fausto de architectura: — altas e denegridas muralhas de tijolos, soalho de ferro, escadas de ferro, portas de ferro, grades de ferro por toda a parte; raras vezes flores e arvores á roda de uma fabrica, e nunca arvores de fructa. É mister confessar que a estancia do trabalho não é alegre entre elles. Na França, ao contrario, e particularmente na Alsacia e na Normandia, as fabricas, quasi por toda a parte, tem aspecto delicioso e cheio de atractivos: são habitadas, as mais das vezes todo anno, por seus proprietarios, e cercadas de jardins, ou precedidas de bellas lamedas; e o seu caracter mais artistico corresponde melhor ao seu destino e aos habitos francezes. Nunca me esquecerá, como um dos mais nobres especimens, neste genero, o bonito estabelecimento de MM. Zuber, em Rixheim, proximo a Mulhouse, com seus grandes pateos espaçosos, sombreados por magnificos platanos, e que antes se tomaria por uma *villa* (casa de campo) de Italia do que por uma fabrica de papeis pintados. Em todos os casos, é pela arte e pelo gosto que nos distinguimos, e que luctamos com os nossos rivaes: elles brilham pelo compasso e nós pelo lapis: elles derivam lucros do combustivel, do ferro, da massa de productos fabricados, das maiores facilidades do credito entre elles; os nossos ganhos provém dos nossos desenhos, da nossa invenção em materia de côr e de fórma: elles *obrigam* o comprador pelo baixo preço, e nós o seduzimos pela novidade. A prosperidade de uma fabrica ingleza depende sobre tudo do seu chefe; a de uma fabrica franceza depende sobre tudo dos seus operarios.

É evidente, que onde se tracta de fazer funccionar regularmente maquinas quasi perfeitas, maquinas monstros que andam por si, que vão e vem, e quasi estava tentado a dizer que discorrem, basta o capital e o maquinista para que tudo siga seu caminho; mas quando o bom nome da fabrica depende dos desenhadores, dos chimicos, dos preparadores, a riqueza do dono não influe só; é o genio dos operarios que faz quasi tudo; é esse valor dos operarios que os economistas denominaram seu *capital moral*, infinitamente maior em França que n'outra qualquer parte. Assim, o magnifico traste de madeira, executado por M. Fourdinois, e que produziu tamanho effeito na Exposição de Londres, sahiu da cabeça de um habil desenhador, M. Protat, que nem sequer no catalogo figura.

A Exposição de Londrés, e o estudo das fabricas francezas e inglezas, marcam de um modo mui significativo esta differença do genio industrial das duas nações. Acabamos de indical-a na construcção, na situação, nos contornos das fabricas; mas, é muito mais frisante quando se penetra nas officinas para estudar o carater definitivo das duas raças. O operario inglez é serio, silencioso, absorto na sua tarefa; tem um typo particular de tenacidade paciente e tosca, que o distingue dos outros trabalhadores, mesmo no seu paiz.

O operario francez, pelo contrario, mais esperto, mais jovial, mais ingenuo, gosta da conversação e entra nella de bom grado, onde a bulha dos maquinismos não cobre a sua voz. O operario inglez vive mais solitario; occulta mais a sua vida; prefere a vida cazeira quando tem familia; o francez gosta mais da praça publica, do estrondo, das dissenções politicas. O opera-

rio inglez não lê jornaes; o francez busca-os avidamente. Tambem se deve levar em conta, em certo modo, no caracter das duas raças de operarios, a influencia do centro em que vivem, sendo os francezes acostumados mui cedo ao estudo das artes, do desenho, e á vista dos monumentos artisticos, e os inglezes mais habituados ao meneio dos instrumentos e maquinas e ás suas innumeraveis applicações.

Qualquer que seja a superioridade que os habitos severos dos inglezes asseguram a suas manufacturas, a industria alsaciense é de todas as de França a que mais tende a roubar-lh'a, porque reune, ás vantagens da ordem economica interna, o merecimento das artes numerosas, que accrescentam, quasi sem despeza, o valor dos productos. Não é a riqueza da materia primaria que constitue a valia das chitas; mas sim o gosto, a originalidade do desenho, a feliz combinação das côres, superioridades estas do genio francez, que compensam, por uma especie de favor natural, os elementos de inferioridade que podemos ter.

Observa-se o mesmo contraste n'uma industria bem differente, hoje em completa revolução e dividida em dois campos mui distinctos; fallo da arte de ourives, nessas grandes divisões, artistica e industrial. M. Garrard em Londres, e M. Odiot em Paris, representam a ourivezaria industrial; M. Rudolfi, M. Morel, M. Froment-Meurice, representam a artistica. Quem tem ou deixa de ter rasão? Quem trabalha segundo os interesses bem intendidos da producção? Como se estabelecerá imparcial comparação entre generos tão oppostos? A arte de ourives adquiriu, nestes ultimos tempos, tal importancia que a questão não será facil de resolver no gremio do jury universal. Os inglezes ainda se inspiram com as fórmas amplas do seculo de Luiz 14, ao passo que a França tem ha muito tempo estudado a imitação dos gregos e dos romanos. Os inglezes preferem o util e *confortable* ao *amaneirado*, ás imitações bastardas de uma renascença, cuja originalidade consiste as mais das vezes em mudar o branco em preto e dar á prata a côr do ferro.

De sobejo temos visto, na Exposição de Londres, collecções volumosas de objectos desse genero, grupos phantasticos de utilidade duvidosa, e mais proprios para figurarem n'um gabinete de curiosidades do que em uma meza bem servida e adornada. Que significam essas palmeiras de prata, esses senhores a cavallo, esses vultos allegoricos, hierogliphicos, e todas essas composições extravagantes, com que os ourives inglezes innundaram a Exposição? Nada mais que um perigoso desvio da linha do bom gosto, capaz de arrastar toda a industria por uma senda falsa, e de seccar as fontes da extracção. Prézo muito mais a simplicidade varonil e magestosa das obras de Odiot; este, como verdadeiro ourives, fez peças da sua arte: todas ellas são destinadas ao uso e serviço da meza. Os seus candelabros e castiçaes, com toda a sua elegancia, são feitos para se collocarem velas de cêra, as suas terrinas para levarem sopa, as suas cafeteiras para se lhes deitar café.

A par destas peças capitaes, em que a perfeição da mão d'obra rivalisa com a riqueza do material, a industria da douradura e do prateado pela electricidade, que tem o seu quartel general em Paris, em casa de MM. Christoffle & C.ª, fez sua apparição na Exposição Universal e attrahe grande concorrencia de espectadores. Veio tarde, mas lucrou o tempo perdido por meio de um apparato habil, brilhante e variado, e será sempre para a verdadeira ourivezaria o mesmo que a renda de algodão para a de fio ou linha, sem prejudicar a primeira e sem fazer com que pereça o gosto. O processo ou methodo Elkington ainda não chegou ao apogeu da sua fortuna. O immenso movimento metalico da California e da Russia é destinado a dar-lhe novo impulso, e estou persuadido que dentro em pouco tempo a maior parte das chaves e puxadores de nossa mobilia, e boa parte dos talheres de nossas mezas, as nossas armas de caça, e a serralheria de nossos aposentos, serão dourados por este processo.

A França e a Inglaterra exposeram um valor immenso em obras de ourives. Muitos artistas mandaram valor de mais de um milhão de francos, outros de meio milhão, etc.

Ignoro quem comprará aquelles Napoleões, aquelles Wellington a cavallo, aquellas torres de Babel, aquelles cavalleiros espatifadores de infieis, aquelles tigres, ursos e leões de oiro e de prata, que não tem serventia alguma; e parece-me que o bronze é mais adequado do que os metaes preciosos, para os grupos puramente artisticos. Na industria dos bronzes é que muito mais admirada foi a alliança do gosto, da imaginação e da belleza das formas. De tal modo se mostrou flexivel o bronze, na mão dos artistas parisienses, que o lavor sobresahe mais que

nas proprias obras de ourives. Esta industria cresce diariamente, e a sua valia subirá pela comparação com os bronzes do restante da Europa, taes quaes appareceram na Exposição.

Outro tanto se póde dizer da industria dos fabricantes de candieiros, na qual tambem ficaram mestres sem rivaes os francezes. A Exposição revelou neste ponto um facto na verdade curioso e inesperado; vem a ser, a detestavel confecção dos objectos deste genero em toda a Europa: nada ha mais bronco, mais desengraçado, mais incommodo do que todos os candieiros inglezes, alemães, belgas, suissos, qualquer que seja o lado porque se procure examinal-os. N'uns sahe a torcida do calice de uma rosa ou do centro de uma tulipa; n'outros sahe do olho de um passaro, de um cacho de uvas, de uma pera, de um damasco. Algumas das chaminés de cristal estão suspensas de ramos de arvores; outras são afeiçoadas em fórma de campanulas, ou representam flôres de lys, etc. Dir-se-hia que os fabricantes se afadigaram em imaginar as mais ridiculas combinações para desfigurar os seus productos.

O bom gosto que preside habitualmente aos artefactos francezes, preservou os nossos fabricantes do contagio do máu exemplo, e é provavel que sejam amplamente recompensados do zelo com que concorreram quasi todos ao palacio de cristal. Basta um relancear de olhos para apreciar-se sua immensa superioridade sobre todos os competidores. Os nossos candieiros foram geralmente admirados; de differentes systemas e feitios, todos egualmente alumiam bem, são portateis, leves, faceis de montar e desmontar, e de limpar, occupam perfeitamente o logar que só lhes devia competir, e correspondem perfeitamente ao serviço a que se destinam.

---

## INDUSTRIA.

(Conclusão.)

466 Além das estradas propriamente ditas, ha em França caminhos vicinaes, caminhos communaes, a cargo dos respectivos districtos, veredas de sirga á borda dos rios e canaes, sujeitas a regulamentos especiaes, etc.

Estas divisões são com pouca differença as mesmas que existem em todos os estados do continente da Europa. Em todos elles as estradas propriamente ditas, são construidas e mantidas á custa do thesouro publico; porém em alguns ha barreiras ou portellas, onde se percebem portagens destinadas ás despezas das estradas; entretanto que em outros, como em França e na Russia, não existe esta especie de contribuição. Em França o Directorio estabeleceu barreiras, que o Consulado aboliu com grande e geral applauso do povo francez, o qual considerava aquelle tributo com quasi tanto horror como as servidões odiosas de que a revolução o libertára.

Não entraremos na discussão das vantagens ou dos inconvenientes do systema das barreiras, que seria demasiado longa para este logar; procuraremos sómente mostrar que a idéa de construir e manter as estradas por meio de companhias ou emprezas particulares, concessionarias das portagens, é inaplicavel ao nosso estado actual.

É evidente que ninguem emprega o seu cabedal em emprezas que não offereçam a certeza ou uma grande probabilidade de lucro. Ora, por mais subido que seja o preço das portagens, as estradas em Portugal devem necessariamente, por muito tempo ainda, dar prejuizo a quem as construir e as quizer conservar em bom estado de viabilidade, contando para isso com o rendimento das barreiras. Com effeito o povo portuguez está habituado por necessidade a ser sedentario: os nossos camponezes em grande parte, não obstante serem livres de direito, são de facto servos addictos á gleba, havendo muitos que nunca perderam de vista o campanario da sua aldêa. Ora como os habitos de um povo não se mudam de repente, segue-se que as estradas, por melhores que sejam, ficarão por largo tempo ainda desertas e sem viajantes em Portugal. O mesmo acontecerá com as relações do commercio interno, que não se estabelecem de subito; e é de advertir que quanto mais alto fôr o preço das portagens, tanto mais demorada será tambem a acquisição dos habitos de viajar e de traficar no interior do reino, que muito convém animar e facilitar, em vez de empecer por um tributo pesado e sempre vexatorio.

Como poderão pois os rendimentos das barreiras ser sufficientes, para prover á amortisação do capital primitivo da construcção da estrada, ás despezas da conservação della, e deixar ao emprehendedor um lucro rasoavel!

Além disto não é possivel prever, se, mesmo no futuro, quando o povo estiver já affeito a viajar, e o commercio interno houver adquirido maior extensão e actividade, uma estrada dará lucro ou perda; porque póde acontecer que se abra outra mais commoda, que se estabeleçam outras vias de communicação mais baratas, que a população se grupe ou se distribua de differente maneira, finalmente que o commercio e o movimento dos viajantes tomem outra direcção, e assim venha a diminuir a actividade do giro em uma linha, e a augmentar em outra em damno daquella.

São portanto as emprezas particulares das estradas não só infallivelmente ruinosas aos emprehendedores, no nosso estado actual, mas sujeitas a contingencias imprevistas, e a grandes riscos em todas as circumstancias.

É por isso sem duvida que no continente da Europa não ha ainda exemplo de taes emprezas, excepto para os caminhos de ferro, e mesmo para esses se offerecem grandes inconvenientes e difficuldades, como se

está vendo em França, não obstante o estado adiantado e progressivo do seu giro e commercio interno, e da sua prosperidade geral.

O particular que emprega o seu cabedal em alguma empreza, tem em mira sómente os lucros directos que espera tirar della; e quando estes são incertos, e mais ainda quando em vez de lucro a empreza appresenta perda infallivel, é evidente que só poderá tental-a algum especulador de má fé, que conte cobrir-se, enganando o publico com pomposos prospectos, e roubando-o com o jogo fallaz e nefando das acções na praça. O resultado vem a ser o abandono da empreza, e a ruina dos credulos ou ambiciosos jogadores, que cahem nestes laços de velhacaria de invenção moderna.

Não acontece assim ao Governo. O Governo, inda que perca directamente na abertura e manutenção de uma estrada, vem a ser indemnisado pelo augmento das rendas publicas, resultante do estabelecimento e acceleração das communicações, do maior giro do commercio e dos capitaes, e do augmento consequente da prosperidade geral. O Governo além disso é, como já observámos, um ente moral que não morre, e que por isso não só póde aguardar lucros remotos, mas deve attender a um futuro indefinido; entretanto que o particular gosa apenas de uma existencia passageira, que lhe não permitte grandes esperas, nem lhe consente de levar mui longe as suas previsões. Nenhum governo tentou ainda a abertura de uma estrada como operação fiscal, para della tirar um rendimento liquido e directo; e pelo contrario nenhum particular se lançou jámais de boa fé em uma empreza similhante, sem esperanças de obter aquelle rendimento.

O exemplo da Inglaterra, que deslumbra a tanto observador superficial, não sendo ainda seguido no continente, menos o póde ser em Portugal. A Inglaterra não só possue uma grande exuberancia de capitaes, que sollicitam emprego, mas o movimento rapido do seu commercio interno e externo, e da grande massa ambulante da sua população, assegura ao emprehendedor de uma estrada, rasoavelmente projectada, um lucro certo, e que se póde previamente calcular com bastante exactidão. O continente da Europa ainda não alcançou aquel'e estado de riquesa e de movimento, e é por isso que nelle as estradas não podem ser abandonadas a especuladores ou companhias particulares, sem grave detrimento publico. Os governos ou as administrações locaes encarregam-se destas obras, não para dellas tirarem um rendimento directo, mas por necessidade, de que folgariam ver-se livres, porque as estradas dão ordinariamente perda directa, e os lucros indirectos mais avultariam, se fossem independentes das despesas das estradas.

Parece-nos por tanto evidente que não poderá haver estradas em Portugal sem que o governo tome a seu cargo a construcção e manutenção dellas. Dir-se-ha talvez que o governo não tem meios para emprehender essas obras, e assim será se quizermos ter estradas pomposas; e infelizmente a paixão da magnificencia, que existe arraigada no caracter nacional, tem obstado aos trabalhos rasteiros, mas uteis e possiveis, e feito consummir em construcções grandiosas e inuteis, que nunca se terminam, sommas immensas que para aquelles seriam mais que sufficientes. Aqui tambem se póde dizer que o melhor é o inimigo do bem (15). Dispamo-nos do amor do fausto, e sigamos o exemplo que deu Turgot, a quem a França deve a creação do seu systema de estradas. Este grande administrador abriu rapidamente as grandes linhas das estradas principaes na maior parte da sua extensão, sem fazer-lhes outras obras além de nivelamentos e terraplenos, e deixando a cargo do futuro a construcção das calçadas. Com o bom senso e juizo claro de que era dotado, percebeu elle que mais valia dar logo a todo o reino communicações imperfeitas, do que communicações bem acabadas a algumas partes delle (16). Para obras desta naturesa não pensamos nós que ao governo faltem meios sufficientes, e só receamos que não se peje de as emprehender por modestas, posto que ellas bastariam para dar o primeiro impulso á nossa circulação interior.

Terminaremos por uma observação. Portugal existiu por longo tempo habituado a uma emigração legal e continua da sua população vigorosa, que passava ao Brasil, seja para alli buscar emprego e fortuna ao serviço dos particulares, seja empregada pelo governo na administração, na magistratura, na milicia, etc. A suppressão subita desta evacuação habitual de homens, deixou o paiz embaraçado de muitos braços, de muitas intelligencias da população que se destinava a viver salariada, á qual é urgente e indispensavel procurar emprego e meios de subsistencia dentro do reino, ou das possessões que lhe restam. Só assim se obstará efficazmente ás emigrações, e se neutralisará o temivel elemento de revolução e de desordem, que está sempre á espreita de occasião opportuna para tomar de assalto os empregos publicos pelo favor da anarchia. Cumpre pois que o governo, tambem por este motivo, trate com desvelo de favorecer muitos e variados ramos de industria, e de dar occupação ás forças laboriosas da nação, sempre perigosas quando desoccupadas, e que aliás bem dirigidas pódem e devem contribuir efficazmente para a publica prosperidade.

Seria muito superior ás nossas forças fazer uma indicação geral e completa de tudo quanto convem que o governo promova e encaminhe com sabedoria e prudencia, para elevar a monarchia ao grau de riquesa, de felicidade, e de consideração que lhe compete. O nosso intento foi sómente combater algumas idéas, que temos por erroneas, e que nos pareciam prejudiciaes ao estabelecimento e progresso da industria fabril, e das estradas em Portugal. Se o não fizemos com proveito, fica-nos ao menos a consolação de o ha-

(15) Au lieu de se livrer à des espérances trop ambitieuses, on devrait, dans l'état présent des finances, se borner à la réparation des plus mauvais pas, au rabattage et au comblement des ornières après la saison des pluies; éviter surtout les ouvrages d'art, parce qu'ils sont dispendieux, les redressements considérables qui nécessiteraient de fortes indemnités d'expropriation, et les adoucissements de pente qu'on ne peut faire sans remuer, à grands frais, d'énormes masses de terre. Les états, comme les particuliers, ne doivent rien entreprendre au-dessus de leurs forces, autrement on ne termine rien, et l'on n'obtient que des jouissances imparfaites. *Dictionnaire des Travaux publics*, par M. le chevalier Tarbé de Vauxclairs, art. *Chemins vicinaux*.

(16) Veja-se, *Des Routes et des Chemins en France*, etc. par M. Saulnier. Paris, 1835.

ver tentado com zelo e convicção. Os dois objectos de que tratamos exigem providencias activas e directas do governo, entretanto que outros, como a agricultura, a navegação, as pescarias, etc., que a naturesa favorece, só carecem de que se removam os obstaculos que se oppõem ao seu progresso e melhoramento. Aquelles demandam com urgencia a acção directa do governo para poderem existir e prosperar, e estes pódem, a favor da naturesa que os protege, aguardar sem tão grave damno as providencias administrativas de que carecem. Esta foi a razão que, além do reconhecimento da nossa insufficiencia, nos moveu a tratar unicamente dos primeiros, e a provocar sobre todos a attenção e a discussão de melhores engenhos. Lembraremos sómente por conclusão, como dignos da consideração do governo, e das meditações dos homens graves e intelligentes, amigos do bem publico, duas medidas, cuja adopção seria por si só capaz de produzir os mais importantes e beneficos resultados:

1.° A instituição dos mealheiros ou cofres publicos de economias;

2.° A introducção dos livretos para os trabalhadores, jornaleiros, etc.

Os effeitos da primeira são: acostumar o povo a economisar, a olhar para o futuro, a pensar na sorte da familia, a abandonar os habitos de dissipação, de intemperança e de depravação, que consomem todo o fructo do seu trabalho, e que o reduzem á miseria e mendicidade no ultimo quartel da vida. Assim se melhoram os costumes e a moral do povo, se diminue efficazmente o numero dos pobres e desvalidos a cargo da nação, e se cumulam grandes sommas, a que se póde dar um emprego vantajoso ao bem geral. Em França começaram agora a estabelecer-se mealheiros nas eschólas da infancia, em que os alumnos depositam a modica somma mesmo de um *soldo*, que alli se vai cumulando até perfazer 20 *soldos* ou um franco, quando passa para o cofre de economias do logar. Escusado é dizer qual será a influencia salutar deste habito de economia e de precaução, adquiridos nos primeiros annos da vida.

Mas poderão estabelecer-se em Portugal os cofres de economias? Infelizmente pensamos que não por agora. O povo portuguez, acostumado a vêr violados os depositos mais sagrados, não póde ter a confiança necessaria para entregar as suas economias, e o fructo de seu trabalho e de suas privações, á custodia e salvaguarda do governo. É pois previamente necessario que o governo e as auctoridades grangeem aquella confiança, e desvaneçam os receios do povo, provando-lhe reiteradamente, com obras e não com palavras, o respeito melindroso e acatado, que consagram á propriedade e á legalidade. Os cofres de economias poderiam então ser talvez annexados ás nossas venerandas instituições das Misericordias, uma vez que estas fossem renovadas pela extirpação dos abusos, que com o andar dos tempos se ingeriram na sua administração.

Quanto aos livretos, nenhum obstaculo vejo á sua immediata introducção.

O livreto deve conter a idade, a naturalidade, o officio ou profissão, e a descripção da pessoa a quem pertence. Nelle se debitam regularmente os pagamentos feitos dos salarios ou jornaes á medida que se vão vencendo. Os artifices, jornaleiros, criados de servir, empregados publicos inferiores, etc., que são munidos do livreto, tem nelle sempre presentes diante dos olhos os seus haveres, a sua conta corrente, e uma garantia contra todo o engano doloso ou casual que lhes poderia ser prejudicial. O livreto serve tambem de garantia ás pessoas sollicitadas pelo dono delle a vender-lhe, ou emprestar-lhe, pois que exigindo a inspecção do livreto, pódem ellas certificar-se das pessoas do sollicitante. O livreto facilita a contabilidade, e lhe serve de termo de confrontação e de verificação. O livreto finalmente é, como os mealheiros publicos, um meio efficaz de morigerar o povo, e de incutir habitos de ordem, de prudencia, e de previsão na numerosa classe dos proletarios.

---

# LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

A

**JOÃO BAPTISTA DE ALMEIDA GARRETT**

**Cidadão, Philosopho,**

**Poeta,**

**Homem de Estado:**

EM NOME DA PATRIA,

DAS LETTRAS,

DA GLÓRIA NACIONAL,

D. D. C.

As linhas, que se seguem precedidas do offerecimento que acima estampamos, chegaram felizmente ao nosso poder, e temos a maior satisfação em lhes dar a devida publicidade. Sabemos que esta publicação não agradará á modestia do nome illustre a que se dirige, mas da sua amizade esperamos que nos desculpará, porque sabe que a ninguem cedemos na admiração que tributamos á sua gloria e ao seu talento. Comprehendemos o enthusiasmo do auctor das linhas a que nos referimos, porque o coração não póde deixar de se commover, nem a alma de se elevar, quando se falla de um homem, que, nem uma só voz ousará negar, é uma das raras glorias nacionaes da era decadente em que vivemos. A REVISTA, que em seus volumes tem archivado muitas paginas escriptas pela illustre penna do Sr. Garrett, se honra de publicar um tributo de louvor que lhe é devido.

---

467 Rei dos altos pensamentos!

Anjo de glória e de verdade!

Espirito de razão e de justiça, alma sublime que te elevaste acima de todas as nossas miserias,

E reinas das alturas com todo o podêr do teu genio sôbre os corações d'esta terra que te adora,

D'esta terra que se ufana de te haver creado, que se ensoberbece com o teu nome, que se apega a elle para ser grande;

Que o mostra ás nações estranhas quando lhe chamam pequena, e lhes brada « Este é meu filho! vêde se eu não sou grande tambem! »

Espirito redivivo do antigo Portugal, em que encarnou o genio de Camões, o genio, a alma, o coração, o amor da patria e da virtude;

Tu sagrado pelo Louro, tu sancto pelo respeito nacional, augusto pelo teu podêr;

Pois tambem a ti rei das nossas almas se atreveo a tyrannia?

A mão estupida e brutal de nossos oppressores ousou levantar-se deante de teu sceptro?

A terra de Portugal tremeu, e viu que a sua escravidão era certa;

Porque o mais intimo do sanctuario de sua nacionalidade foi violado.

Arrastaram pelo chão as nossas Quinas, que eram o symbolo da nossa independencia: gememos;

Atiraram com o diadema de nossos principes aos pés dos extrangeiros: gememos porque os tinhamos alçado nós em nossos escudos, e posto no throno para guarda da nossa liberdade.

Mas o povo levantará no dia de sua glória as Quinas sanctas, e lhes sacudirá a poeira que as mancha, ao vento da victória;

Mas o povo refundirá do mais puro oiro, nas fragoas de seu amor e de seu patriotismo, o diadema poluido dos seus reis.

O povo póde tudo, e o povo hade fazer tudo.

Mas o genio sobre humano dos cantores immortaes, dos prophetas divinos da sua glória dá-lh'o Deus em sua misericordia; não o póde crear elle.

Como nossos avós foram grandes e illustres pelo auctor dos Lusiadas, nós o somos pelo auctor de Camões, de D. Branca e de Fr. Luiz de Sousa.

O nosso Homero antigo embainhava a espada para nos vir fallar de Albuquerque e de Pacheco; e os nossos corações subiam até elle.

O nosso Homero moderno desce da tribuna cançado de combater os inimigos da liberdade — e vem ao theatro contar-nos do Alfageme que vencia os Castelhanos em Aljubarrota,

De Fr. Luiz de Sousa, que os affrontava d'entre as chamas em Almada,

E nós subimos até elle que nos chama da miseria em que somos para a grandeza do que eramos.

Tirae-nos um ou outro; que ficámos nós? Quem dará alma ás nossas almas?

A vil prosa de vossas leis, a vilissima algaravia de vossos discursos, ostrogodos da civilização e da liberdade?

Bem o diz elle, o genio divino, bem o clama elle, o propheta inspirado: Nem só de pão vive o homem;

Menos ainda um povo.

Precisa de alimento o seu espirito. Os agiotas da materia tiram-nos o sangue do corpo; estes agiotas do espirito querem tambem o sangue d'alma.

Mas deixa-os tu, rei, deixa-os, senhor de nossos corações: o teu throno sim que é inabalavel, e o teu senhorio ninguem o conquista.

Porque tu reinas em espirito e verdade sobre nós, e em nossos corações é que está o teu solio.

Deixa-os ser grandes de um dia, tyrannos de uma hora, reis de um momento.

Tu és mais que todos, porque o has de sempre ser.

A ti as aspirações nobres, de todo o peito de homem que bate n'esta terra;

A ti os vagos pensamentos da donzella, em ti o ideal da mulher, para ti o coração de todos.

Reina, vive, e zomba dos tyrannos:

Estás acima da inveja e de seu podêr;

A tua glória é a de nós todos; o teu nome está escripto a par do de Camões no mais alto padrão de nossa historia, onde elles não chegam.

Se nos venderem e deshonrarem os traidores, tu e elle sereis salvos: e vós ambos ficareis dizendo á posteridade que havia n'este canto da terra um povo pequeno, mas tam grande de coração que não coube n'elle;

Que atravessou por máres nunca dantes navegados;

Que descubriu mundos novos;

Que levou a cruz de Jesus Christo aos mais remotos confins do globo;

Que deixou uma grande nação por herdeira e testamenteira de sua grandeza e de seu podêr;

Que em oito seculos que viveu luctou sempre e venceu sempre;

E que sómente sucumbiu, como Viriato, á traição dos seus;

Cahindo apunhalado pela perfidia nas luctas da liberdade.

A. P. A.

---

## UM CAPITULO DA HISTORIA CONTEMPORANEA, OU A ENTRADA DO MARECHAL SOULT NO PORTO EM 1809.

(Continuado de pag. 513.)

### Notas.

4.ª

Tão ignominiosa era ella para os inglezes, etc.

488 Como o quartel general de H. Dalrymple era em Cintra, quando se ratificou a convenção feita em Lisboa no dia 30 de agosto pelo general Kellermann e o coronel inglez Murray, chamaram-lhe convenção de Cintra. Esta peça, que se póde ler em Delgado, ou em Foy no fim do tom. 4.º, tambem foi vergonhosa para Portugal, particularmente nos art. 1, 4, 8, 12, 18 e nos addicionaes. Os portuguezes, hospedes em sua casa, em nada foram ouvidos, de feição que além da atrocissima injuria feita á nação, os seus interesses soffreram grave transtorno. Nem se quer se reclamaram os nossos marinheiros, nem os nossos soldados levados para França, e por lá detidos.

Consta-nos que B. Freire, o conde de Castro Marim e outros protestaram por esta occasião; mas, coisa singular e estranha! as suas reclamações, se Foy se não enganou, foram principalmente contra os ajustes mais honestos da convenção, isto é, contra os que protegiam alguns infelizes portuguezes a quem as ordens e o procedimento do regente, além de outras causas, tinham lançado no partido francez. Discorrendo assim, não é nossa mente absolver estes nossos conterraneos de toda a culpa. Em uma nação digna de o ser, todo o homem deve antepor as obrigações do cidadão ás do subdito. Reprovamos, todavia, como estulto e iniquo que nos subditos se punão os erros e os crimes dos governos.

Largamente os habitantes de Lisboa ralharam contra a convenção de Cintra. Elles cuidavam, diz o citado Foy, que os francezes lhes carregariam com o thesouro do paiz, suspeita sem nenhum fundamento na opinião do Sr. Thiers, visto ter-se ajustado que os francezes nada levariam pertencente a Portugal, cujas finanças, accrescenta o ultimo escriptor, *administraram com tanta ordem e lealdade que lhe deixaram nove milhões* (de francos) *nos mesmos cofres que acharam vazios.*

A respeito da existencia destes milhões por agora nada affirmâmos ou negâmos. Bem averiguadas porém as causas dessa existencia, logo se conhece que se realmente os francezes deixaram nos cofres publicos algum dinheiro, este por nenhum modo podia ser o fructo da boa administração das rendas publicas. Daremos os motivos.

Havia Junot em diversas occasiões, e mui particularmente no edital do 1.º de Fevereiro, promettido pouco mais ou menos o que em identicas circumstancias promettem todos os generaes, a saber: que as rendas publicas pela sua boa administração assegurariam a cada empregado o premio do seu trabalho; que a instrucção publica se derramaria pelas provincias; *que o Algarve e a Beira Alta teriam um dia o seu Camões;* e finalmente que todo o reino sob o regimen francez nadaria n'um mar de prosperidades. Vejamos quaes eram os preludios dessa era de delicias.

Em fins de Junho, ou meado de Julho, a miseria tinha na capital subido ao seu auge, como se infere da seguinte pintura que della nos deixou Foy pag. 224;

« O saque de Evora fez muito arruido. Grandes e « pequenos, ricos e pobres, todos pelas impressões e « pelos votos se associaram á insurreição, em quanto « não podiam nella entrar com as armas, e a mise- « ria, sempre em crescimento, ainda mais azedava « aquella inimiga disposição. Os habitantes ricos emi- « gravam em bandos para as provincias não mancha- « das pela presença do estrangeiro. Lisboa parecia um « deserto: o luxo, os carros, e todo o movimento nas « ruas, tudo havia cessado. As perturbações das pro- « vincias tornaram na capital ainda mais caras as sub- « sistencias. Os operarios não achavam trabalho, os « proprietarios não cobravam as suas rendas, nem os « empregados os seus salarios. Tudo o que vivia da « côrte, os fidalgos, o clero, o commercio, isto é, « para cima de 20:000 pessoas, tudo mendigava... »

Lisboa morria pois de inanição; e advirta-se que os seus males, se bem aggravados agora pela revolta, já desde muitos mezes se faziam sentir. Mas não era sómente a capital que experimentava tamanha penuria: todo o paiz tinha farto quinhão nas calamidades que nos acarretára esta injusta e insensata invasão, avultando entre ellas para muitas das provincias as continuas exacções nas casas dos patrões aonde os francezes se aquartelavam, e outras prepotencias. Dos empregados civís e ecclesiasticos rarissimos cobravam os ordenados. As eschólas sustentadas pelo thesouro publico estavam fechadas, e não poucos dos professores pediam esmola. O commercio, tapadas as barras do Téjo e Douro, em nenhuma parte dava indicios de vida; a agricultura e a industria o mesmo, e por cima de tudo isto era o reino inteiro esfolado para pagar a insolente contribuição dos cem milhões de francos (40 de cruzados, ou metade da que a Prussia soffrera em Novembro de 1806) que lhe imposera Napoleão, o qual, diz o Sr. Thiers, *julgava-se auctorisado para nos tratar como conquistados e alliados de Inglaterra*, bem que tivesse para isso tanto direito, como esta teve em Setembro de 1807 para incendiar Copenhague, e lhe tomar a esquadra.

Nesta melancolica situação os portuguezes já mui a custo podiam com os encargos ordinarios, e não obstante ainda lhes era mister carregar com os vexames daquella durissima imposição de guerra, o primeiro beneficio que Junot nos annunciára no dia em que em nome do seu imperador, se declarou o que mui realmente já era o verdadeiro rei de Portugal.

Junot e os seus ministros davam frequentes providencias para os impostos se cobrarem promptamente e sem misericordia. O methodo era o antigo (instruc. de 2 de abril no Obs. pag. 244), salva a innovação

de ser a arrecadação para proveito dos francezes fiscalisada por um administrador geral francez creado pelo artigo 6.º do decreto do 1.º de Fevereiro com o titulo de corregedor-mór de provincia (Obs. pag. 157 e 244). É certo que nas precitadas instrucções parecia divisar-se o pensamento de crear um novo systema de cobranças: mas similhante pensamento, se existiu, nunca foi lançado no papel, e mesmo quando apparecêra algum trabalho digno de fazer gemer os prélos, não seria possivel ensaial-o em nove mezes de dominação nem sempre tranquilla.

O exercito portuguez que o Sr. Thiers diz ser de 25:000 homens á entrada de Junot, pelas baixas que lhe deram, e pelo desterro de bastantes dos seus corpos para França, ficou conforme o mesmo Sr. Thiers, reduzido a 6:000 homens. Mas estes 6:000 homens, retalhados e dispersos por todo o reino, como eram pagos e sustentados? Muito mal. Os officiaes até 14 de Junho (decr. a pag. 303 do Obs.) só de quando em quando recebiam um mez de soldo em que entravam quatro quintos em papel com o desconto de trinta por cento, e mais. D'ahi em diante, por terem já muitos desertado para a junta de Badajoz, mandou-se-lhes pagar um terço em metal. Quanto aos inactivos, esses pouco ou nada recebiam, Foy pag. 166 e 171.

É por tanto bem manifesto que os francezes reservavam quasi só para si todos os recursos ordinarios que o reino, á despeito da miseria geral, cedendo á força lhes ia fornecendo, e que faziam o mesmo a respeito dos extraordinarios, os quaes, para terra tão pequena, tão mal governada, e tão empobrecida, eram enormes. Que maravilha pois que não passando os invasores de 25 a 26:000, ou, se se quizer, de 38 a 40:000, comprehendendo os hispanhoes, posto que a estes pouco os francezes consentissem comer, deixassem nos cofres algum dinheiro?

Ainda mais. Os soldados de Napoleão entraram em Lisboa esfaimados, nús, e desarmados, mas em poucos dias apresentaram-se fartos, bem vestidos e armados. « Para taes despesas, narra o Sr. Thiers no livro 29, não havia na caixa militar dinheiro algum; mas em quanto não se cobravam os impostos, o commercio confiado nas palavras, e nos actos do general, adiantou cinco milhões (800 contos). » Ora, tudo isto é exactissimo, menos no tocante á confiança no general: o commercio emprestou mui contra seu gosto. Quer porém o Sr. Thiers saber como o duque de Abrantes correspondeu á *confiança* dos negociantes, e restituiu o dinheiro emprestado? Incluiu os taes cinco milhões nos cem da imposição extraordinaria, convertendo assim, á moda de Brenno, um emprestimo em contribuição de guerra: artigo 1.º do citado decreto do 1.º de Fevereiro.

Para esta contribuição deviam os negociantes, banqueiros, e contratadores das rendas publicas concorrer com seis milhões de cruzados. As egrejas, e todos os templos do reino com as suas pratas, e com o oiro, cujo valor a final se abateria nos quarenta milhões exigidos. Os prelados regulares e seculares, assim como todos os conventos de todas as ordens, incluindo os de freiras, pagariam dois terços, e mesmo tres quartos dos seus rendimentos, fosse qual fosse a origem destes. Os commendadores das ordens militares e de Malta entregariam dois terços das rendas das commendas. Os donatarios dos bens da corôa o dobro dos pagamentos annuaes. Os proprietarios de casas de todas as cidades e villas contribuiriam com metade dos alugueis que recebessem, ou dos presumidos se morassem nellas. Quem possuisse terras satisfaria com duas decimas. Os que sustentassem parelha, cavallo, ou criado, dobrariam o imposto já estabelecido, isto é, pagariam 19$200 réis, 8$000 réis, ou 1$600 por cada parelha, cavallo, ou criado não empregado na lavoira. Em fim, os estabelecimentos publicos, os mesteres, as officinas, as lojas em que alguma coisa se vendesse, tudo concorreria com a sua quota. O pagamento total devia realisar-se em tres prestações eguaes a vencer, uma nos dias 1 e 15 de Março conforme as localidades; a segunda em 1 e 15 de Abril, e a ultima um mez depois da segunda para certos contribuintes, e tres mezes para outros: citado decreto do 1.º de Fevereiro.

As alfaias das egrejas começaram a caminhar para a casa da moeda 15 dias depois daquelle decreto, e grande copia, talvez a totalidade, de feito ahi entrou, ficando á mercê do dissipador Junot, e do seu ministro da fazenda Francisco Antonio Hermann, antigo consul francez em Lisboa, os quaes mui a seu bel-prazer podiam de tudo dispôr, e é de crer que não fossem os unicos. O Sr. Thiers abona a probidade de seu compatriota Hermann, e é quanto basta para não lh'a pôrmos em duvida; mas acaso se achava elle em posição de cohibir os extravios feitos pelo general governador, e por diversos empregados da repartição da fazenda, para os quaes n'um paiz *conquistado*, e de cujos soffrimentos nada o imperador se condoêra, ainda conhecendo-os bem miudamente, não era possivel existir séria responsabilidade? Estava em sua mão cohibil-os tanto, como na do duque d'Abrantes, ainda que quizesse, estava impedir as delapidações e excessos de diversos outros seus conterraneos.

O mais pequeno logarejo de Portugal tinha uma capella, e os templos das cidades, villas, confrarias, e misericordias, assim como dos mosteiros e hospitaes, eram immensos sendo em todos o serviço divino feito em peças de oiro e prata mais ou menos esplendidas. Ora, pelo art. 4.º do predicto decreto de Fevereiro, todas essas peças deviam trasladar-se para Lisboa, poupando-se tão infausta viagem, sómente ás imagens de Christo e de sua mãe, ás patenas, colherinhas, piscides, custodias, corôas de Santos, aos calices, resplendores e cofres em que na Semana Santa se depositava o Sacramento, assim como aos relicarios de peso inferior a dois marcos de prata (Instruc. de 27 de Fevereiro no Obs. pag. 187). Á vista disto as imagens dos Santos, as cruzes, alampadas, bacias e navetas; os castiçaes, thuribulos, jarros e todos os mais ornamentos feitos de metaes preciosos, entraram nesta pingue colheita. Consta que muita da prata entrada na casa da moeda fôra reduzida a barras, e tambem cunhada pondo-se nos cruzados novos o cunho e data de 1807 (Obs. pag. 171 e 321).

Consequentemente se á gente de Junot sobejou algum dinheiro, esses sobejos provieram: 1.º, de não ter este general acudido ás despezas do reino, excepto n'um ou n'outro caso em que o bem dos seus lh'o exigia; e 2.º, de haver accumulado em Lisboa im-

mensos recursos extraordinarios, além dos ordinarios.

Com rasão, por tanto, contestamos a boa ordem e lealdade allegadas pelo Sr. Thiers, e se prestarmos fé ao que, postas já de parte as exaggerações da épocha, affirmam diversos escriptores portuguezes, sem de modo nenhum querermos ser detractores, ainda podemos asseverar que muitos francezes, apesar da convenção de Cintra, não levaram para França sómente o que era seu.

O seguinte excerpto da Biog. Un. dos Cont., art. Junot, nos ha de justificar de quanto neste escripto dissermos a respeito da invasão do duque d'Abrantes, dos habitos e do genio deste general:

« . . . . . Senhor de Lisboa e de Portugal, Junot « conduziu-se ahi de geito a indispôr toda a nação con- « tra os francezes. Napoleão, é verdade, contribuiu « muito para a mudança tão promptamente operada nas « disposições do povo portuguez, que começára por aco- « lher com extrema benevolencia os soldados do impe- « rador, e que tinham para este bastante respeito e ad- « miração, de que elle podera tirar grande proveito na « execução dos seus projectos sobre a Hispanha. Em « vez de contentar e lisongear os portuguezes, Napo- « leão, embriagado com as suas victorias, n'uma in- « solente proclamação datada de Milão, annunciou a « sua tenção de esfolar a nação portugueza, que ao « mesmo tempo insultava tratando-a como povo con- « quistado, ou antes como uma praça tomada por as- « salto. Mas se o imperador preparou a insurreição « portugueza, é forçoso confessar que Junot tambem « para ella concorreu muito pela sua *cubiça e arro-* « *gancia*, bem como pela incapacidade que mostrou « já como general, já como cabeça de governo. Elle « entregou-se á intemperança, e os seus excessos, « augmentando a violencia do seu caracter, enfraque- « ceram-lhe as faculdades intellectuaes. . . . »

Que a Biog. não calumnia Junot chamando-lhe cubiçoso, a mesma duqueza d'Abrantes, sua viuva, o provou optimamente.

Esta senhora, que era a escrever como são quasi todas as mulheres a fallar, no tomo 12.º das suas Memorias, depois de dizer que o marido lhe enviára de Lisboa o valor de 350:000 francos n'um collar de 21 diamantes, que o commercio lhe *offerecêra* por levantar o sequestro dos algodões, tambem conta que o mesmo seu marido, não obstante haver-lhe mandado um solitario, um collar de saphiras, muitos diamantes por lapidar, e avultadissima porção de outra pedraria, causando tudo em Paris muita bulha e muita inveja, ainda levára para França 430:000 francos em moedas de ouro, que eram, diz ella mui seriamente, a *economia dos seus ordenados*. Mas Junot tinha mensalmente de ordenado 50:000 francos, que nos nove mezes da sua dominação em Portugal prefazem um total de 450:000 francos: com tudo se elle entrou em sua casa com 430:000 francos em dinheiro, segue-se que comeu, divertiu-se, acudiu ás suas continuas devassidões e prodigalidades, e comprou aquella formidavel porção de joias só com 20:000 francos, o que sem duvida seria grande milagre; porém o duque de Abrantes era nimiamente peccador para o crermos tão milagroso, e já vamos vêr que elle podia, sem fazer milagres, levar para França muita riqueza. Antes disso lembraremos que o governador de Portugal tambem *conquistou*, *e por direito de conquista* deixou á sua familia a famosa Biblia do convento de Belém, a qual Luiz VIII mais tarde resgatou comprando-a por 144:000 francos á duqueza d'Abrantes, para a entregar ao conde de Palmella, (o finado duque do mesmo titulo) que em nome do seu governo então a requesitava. É a mesma duqueza quem no tomo 18 cap. 11 das suas Memorias, e n'outros logares, nos ministra todas estas vaidosas particularidades.

Por consequencia Junot só em dinheiro, e no collar dos 21 diamantes levou-nos 780:000 francos, sem fallar no immenso valor das mais preciosidades, as quaes eram tantas e taes que, como a duqueza se comprazia em confessar, chegaram a despertar ciumes até na imperatriz Josephina. Alguns escriptores accrescentam que elle, sem embargo de se sustentar á custa do barão de Quintella desde que entrára em Lisboa até 15 de Setembro, recebera mensalmente da municipalidade 4:800$000 para prato, os quaes em nove mezes sommam 43:200$000 rs., salvo erro, equivalentes a 270:000 francos. Ora estas parcellas já bastam para se conhecer que o governador de Paris se pagou mui bem das grandes promessas que nos fez.

Do que nos custaram outros officiaes, nada diremos; porém é obvio que carecendo Junot de tanta indulgencia para si, não podia ser severo para os camaradas. Os portuguezes eram um povo selvagem, despresivel e conquistado, como lá em França se repetia a cada canto; o que importava pois que os *homens civilisados* os machucassem bem machucados? Tambem o duque d'Abrantes nunca com isso se mortificou, antes com o seu exemplo incitava os compatriotas a toda a casta de demazias.

A voz publica, e varios escriptos desse tempo, accusando a sua administração de corrompidissima, dizem que nada se concedia sem premio, e que seu cunhado Juffre, *administrador geral* dos dominios da corôa, era, depois de umas taes madamas Tresse e la Foye, assim como de outras de egual jaez, o principal corretor para todas as negociações secretas entre o representante de Napoleão e os pertendentes; e ainda que a fama engrandecesse além do justo os lucros destas transacções, bastaria o bom senso para se perceber que elles deviam produzir um bom rendimento ao general francez.

Não terminaremos esta nota sem declarar que quando assim fallamos da officialidade de Junot, fazemos numerosas excepções. Á frente dellas poremos o honrado general Travot, de quem os habitantes de Lisboa, e de todos os povos aonde elle rezidiu, nunca se lembrarão, senão para bem dizer o seu nome; e não teriamos duvida em conceder o segundo logar ao illustre general Foy, então coronel.

JOÃO ANTONIO DE CARVALHO E OLIVEIRA.

*(Continúa.)*

# NOTICIAS E COMMERCIO.

## AS LAGOSTAS.

469 Estes mariscos saborosos, que abundam em as nossas costas, até nas lagoas immediatas á foz do Tejo, servem de acepipe nas mesas ainda menos abastadas; não os tem tanto ao pé de casa a riqueza de Londres, como se lê na *Illustrated News*.

«Nas costas das ilhas Scilly, (Sorlingas, como nós lhes chamamos), e nos perigosos recifes na altura do cabo de Finisterra se faz a pescaria mais geral das lagostas. A Escocia, particularmente as angras de Montrose, fornece tambem um contigente que não monta a menos de 60 a 70:000 annualmente. Mas, a verdadeira patria destes crustaceos é a Noruega, que todos os annos despeja um milhão de lagostas e mais no mercado de Billingsgate em Londres. Os gastronomos fazem muito apreço das grandes santolas de Heligoland (ilha na foz do Elba) e as preferem ás lagostas norueguezas. É extraordinaria a fecundidade destes animaes; uma femea não põe menos de dez a doze mil ovos (que assim chamam os naturalistas ao que os pescadores denominam *milharas*) durante a sasão propria.

«Os antigos gostavam muito da lagosta. Aristoteles, na historia geral dos animaes, nos deixou escriptas mui curiosas particularidades ácerca de uma variedade do mesmo crustaceo, que ainda em nossos dias se pesca no Mediterraneo.»

## ACÇÃO NOBRE.

470 No dia 2 do corrente, deu-se á sepultura, no cemiterio do Alto de S. João, o cadaver do Sr. José da Cruz, natural da ilha de Malta, ha muitos annos residente em Lisboa.

O Sr. Cruz, bem conhecido em Lisboa, testou uma fortuna consideravel. Havia annos que elle tinha admittido, na qualidade de seu socio, o Sr. José da Cruz Sobrinho, e ultimamente tinha admittido tambem na mesma sociedade o Sr. João Pisani da Cruz, irmão do Sr. José da Cruz Sobrinho, o qual sempre esteve debaixo da sua protecção, desde que veio de Malta.

Já em vida do Sr. Cruz, se explicava a maneira por que elle dividiria a sua fortuna, por sua morte, e ninguem deixava de acreditar que os dois socios, e uma irmã destes, que no estado de solteira, e desde pequena, se achava em sua casa, seriam os principaes herdeiros, ficando a totalidade da sua fortuna ao Sr. José da Cruz Sobrinho.

Pela leitura do testamento conheceu-se que essa opinião em parte não tinha acertado, porque, ou seja por esquecimento do Sr. Cruz, para com seu Sobrinho o Sr. Pisani, ou por outro qualquer motivo de que positivamente se não possa dar explicação, este Sr. só appareceu comtemplado com a quantia de dois contos de réis, quantia igual aos legados que ficaram a todos os mais sobrinhos que não estavam no seu caso.

Foi com grande admiração que esta noticia se espalhou, e com muita pena recebida pelos amigos do Sr. Pisani, que lhe reconheciam merecimento necessario para receber uma maior prova de estima da parte do fallecido.

Quando esta noticia se espalhou, correu outra que a seguiu de perto, que a acompanhava por toda a parte, e que todos receberam com satisfação, posto que não se definisse completamente o seu pensamento. Dizia-se que o Sr. Cruz Sobrinho, dissera a seu irmão, com as lagrimas nos olhos, que contasse com elle. Todos reconheciam neste dizer uma protecção, mas ninguem ía mais longe.

Hoje já tem esse dito a sua explicação verdadeira, podemos faze-la conhecida do publico, porque desejamos que o Sr. Cruz Sobrinho, seja mais conhecido pelas suas acções do que pela sua grande fortuna, por que a verdadeira riquesa, é ter um coração que sentiu tão de perto o esquecimento do fallecido.

Sabemos da bôca do Sr. Pisani que ficou, devido á generosidade de seu irmão, em melhor estado de fortuna do que esperava ficar por morte de seu tio, e que em menor escalla, tambem foram brindadas suas irmãs.

Não foi vinte e quatro horas depois, que o Sr. Cruz Sobrinho quiz reparar esse esquecimento, foi de momento, foi na occasião da leitura do testamento, na occasião dessa falta ser conhecida, que o Sr. Cruz Sobrinho, espontaneamente deu a conhecer a sua boa disposição.

Não é uma scena estudada, porque scenas destas não se estudam, e nem todos as entendem.

O Sr. Cruz Sobrinho deve ter no intimo da sua alma a consciencia do bem que fez, é essa a sua verdadeira felicidade.

Estamos certos que o Sr. Cruz Sobrinho não praticou essa acção por vangloria: foram um grande sentimento de amisade, e um verdadeiro desinteresse, o que o levou a praticar uma tão bella acção.

O Sr. Cruz Sobrinho adqueriu direitos não só á estima de seus irmãos, mas tambem a de todos os seus amigos e conhecidos, e á daquelles que o não conhecem.

Felicitamos o Sr. José da Cruz Sobrinho, pela acção de desinteresse que praticou.

S.

## MOVIMENTO DA POPULAÇÃO BRITANNICA.

471 O dia 30 de Março do corrente anno foi assignalado na Grã-Bretanha por um acontecimento de subida importancia. Era o dia do recenseamento geral da população. Empregados do governo, em numero de 40:000, tinham deixado em todas as casas com antecipação impressos que os moradores deviam encher inscrevendo seus nomes, prenomes, profissões, logar do nascimento, filiação, edade, e outras circumstancias designadas á cabeça de differentes columnas. Estas informações deviam ser uniformemente dadas em toda a Grã-Bretanha no dia 30 de Março. Não era possivel imaginar um modo de recenseamento menos vexatorio e mais certo. Todavia e não obstante o respeito do povo inglez á lei, e apesar do objecto intei-

ramente nacional desta providencia, encontrou algumas resistencias esta ingerencia do governo no lar domestico, esta especie de inquisição apparente. De certo se fazia um livro mui curioso de todos os embaraços que os agentes do recenseamento encontraram no desempenho de sua tarefa: aqui, uma dama recusava a todo o transe enumerar a conta de suas primaveras e ainda menos a de seus invernos; acolá algum burguez desconfiado que embirrava em que não tinha contas a dar, fosse a quem fosse, do interior de sua casa, da edade e enfermidades de seus filhos, de seus criados ou delle proprio. Vinha depois essa immensa população cigana, que é como um formigueiro no solo britannico, vagabundos das grandes cidades ou tribus errantes dos campos.

Finalmente, bem ou mal, foram vencidas essas difficuldades, e ao cabo de um trabalho de dois mezes e meio, foi possivel dar por approximação o resultado do recenseamento geral; e é mister confessar que tal resultado não sahiu dos mais satisfactorios. No centro de absoluta paz, não existindo esses grandes flagellos que ás vezes dizimam uma nação, viu-se que a população da Inglaterra não crescêra mais de doze por cento, ao passo que nos precedentes periodos decennaes, de 1811 a 1851, o augmento fôra de 15, de 14, e de 13 por cento: e demais a mais neste computo não era comprehendida a Irlanda. Ahi apesar de todas as causas que, na apparencia, deveriam desenvolver a população, o ultimo recenseamento fará conhecer em vez de augmento diminuição em o numero de habitantes.

Outro facto não menos digno de nota é a inferioridade do algarismo da população masculina em relação á população feminina da Grã-Bretanha. Tomando os algarismos provisorios conhecidos hoje, o numero das mulheres excede 550:157 ao dos homens em toda a Grã-Bretanha, e 154:429 contando-se Londres á parte.

As inducções, que se tiram da operação deste recenseamento geral da população britannica, são de natureza tal que excitam a attenção de todos os homens de estado, de todos os economistas da Inglaterra. Quando forem sabidas as particularidades bem circumstanciadas, quando chegarem da Irlanda os dados officiaes, mais ampla materia haverá para graves reflexões. Com effeito, dos vinte e oito milhões que compoem pouco mais ou menos a totalidade da população dos tres reinos unidos sob o nome de Grã-Bretanha, quanta gente não ha sem occupação, sem domicilio fixo, sem meios de existencia, sem instrucção! É o que indubitavelmente o recenseamento fará conhecer mais tarde; e é mais que certo que o numero será grande! Como se explicará esta excepção á lei geral da reproducção humana, pela qual o numero total das mulheres excede de um modo tão singular o numero dos homens? A emigração não é sufficiente para dar a explicação desta anomalia, por que é notorio que dão á vela para as colonias da Australia, quasi todos os dias, navios carregados de raparigas. Que é feito, pois, da população viril da Grã-Bretanha?

Debalde o *Times*, grupando seus algarismos com arte subtilissima, appresenta um quadro lisongeiro do desenvolvimento e da influencia da raça britannica no mundo. Os cincoenta e dois milhões de individuos que, segundo o nosso collega, praticam a mesma religião, fallam a mesma lingua, alimentam o espirito na leitura dos mesmos escriptores e poetas, dizemos nós que são separados por crenças, opiniões, costumes, e interesses, barreiras ainda mais insuperaveis que as ondas do Oceano que os tem respectivamente afastados. Não tem essa homogeneidade que caracterisa os francezes, os alemães, os russianos, os turcos, os chinas. Acaso fazem os anglo-americanos muito caso da sua origem britannica? A resposta a esta questão não está só nos livros, nos jornaes, que vem quotidianamente dos Estados-Unidos, tambem está no deserto que se chama, no palacio de cristal, a exposição americana.

Ponhamos de parte illusões, e vamos aos factos que derivam dos primeiros algarismos conhecidos do recenseamento. A população da Grã-Bretanha não cresce de um modo normal, em relação ás condições apparentes que deviam facilitar seu desenvolvimento: a população irlandeza diminue. Este duplo facto revela uma verdadeira mingua social, e não é cerrando os olhos para não a vêr que se lhe poderá acudir com o remedio: ao contrario, cumpre com animo e resolução indicar o mal, sondar a ferida, a fim de procurar o modo de a curar. É um temeroso problema proposto a todos os elevados talentos da Inglaterra: esperamos que saberão resolvel-o da maneira mais gloriosa e proficua para o seu paiz.

---

## BIBLIOGRAPHIA.

472 COMPENDIO ESTADISTICO OU RESUMO DOS ELEMENTOS DE ESTADISTICA, de *A. Moreau de Jonnés.*

Contém: « 1.° Definição, objecto e origem da Estadistica — 2.° Classificação da Estadistica — 3.° Methodo da Estadistica — 4.° Operações da Estadistica — 5.° Meios de execução da Estadistica — 6.° Organisação das Estadisticas officiaes — 7.° Certeza dos factos Estadisticos — 8.° Erros da Estadistica — 9.° Progressos Contemporaneos da Estadistica — 10.° Factos europeus comprovados pela Estadistica. »

No fim do *Compendio* ha uma breve exposição do systema metrico decimal francez, e um indice alphabetico ou repertorio de todas as asserções contidas no livro.

---

EL ARTISTA EN ITALIA Y DEMAS PAISES DE EUROPA, ATENDIDO EL ESTADO ACTUAL DE LAS BELLAS ARTES, obra escrita en Roma por *Don José Galofre.*

Examinada y elogiada por la academia de San Fernando, segun real orden comunicada al autor. Madrid 1851.

Um volume in 4.° francez com 6 grandes estampas de 4 palmos de comprido impressas sobre cartão velino.

Preço da obra em brochura 3$200 — cartonada 3$360 — encadernada 3$840 rs.

Vende-se na livraria franceza de P. Plantier, rua do Ouro n.° 62 e 63.